

## **China dá razão a otimistas e pessimistas**

*O controle de cima para baixo coexiste com a autonomia a nível local e a inovação de baixo para cima. É esse o fenômeno dialético de “dupla hélice”.*

*Por Zhang Jun*

*Valor, 09/05/2024*

Raramente as avaliações do desempenho e potencial de uma economia divergem tanto como quando se trata da China. Mesmo com alguns economistas elogiando as conquistas passadas e as perspectivas futuras, outros se concentram nas supostas falhas de seu modelo de desenvolvimento e sugerem que a armadilha da renda média está pela frente. Mas ainda mais notável do que a grande divergência de opiniões sobre a economia da China é o fato de que os dois lados são capazes de reunir amplas evidências para apoiar seus pontos de vista.

Poucos contestariam que a China deve seu sucesso econômico passado em grande parte à imitação tecnológica, possibilitada e encorajada pelo comércio com economias avançadas - e seus investimentos diretos -, especialmente durante a década de 90 e na primeira década deste século. Mas não se pode alegar que traduzir a imitação tecnológica em um crescimento econômico acelerado não seja uma conquista. Afinal, a maioria dos países de baixa renda não conseguiu fazer isso.

Nesta discussão, apontar que a China ainda carece de algumas tecnologias importantes, ou que ela obteve a maior parte das tecnologias que tem graças ao fascínio exercido por seu enorme mercado, é ficar em detalhes pequenos e sem importância. A verdadeira medida do sucesso tecnológico é a capacidade de converter novas tecnologias em lucros, crescimento e motores do desenvolvimento. E a China fez isso não só usando tecnologias ocidentais em suas formas originais, como também as atualizando e adaptando rapidamente.

Hoje, a China está na vanguarda de setores como 5G, energias renováveis, baterias de lítio e veículos elétricos, além de ser uma líder mundial em Inteligência Artificial (IA). A pergunta que deveríamos estar fazendo, como observou certa vez o ex-secretário do Tesouro dos Estados Unidos Lawrence H. Summers, não é se a capacidade tecnológica da China começou com a imitação, e sim como um país com um quarto da renda per capita dos EUA conseguiu produzir tantas empresas de tecnologia líderes mundiais.

Segundo Keyu Jin da London School of Economics, a resposta é simples: a China é um país realmente inovador. Os observadores ocidentais têm dificuldade em reconhecer isso, porque suas perspectivas sobre a China são muito polarizadas. Mas Yasheng Huang, do Massachusetts Institute of Technology (MIT), insiste que tudo que a China vem fazendo é redirecionar a tecnologia ocidental, porque as tradições chinesas arraigadas restringem a

inovação. Se ela não conseguir romper com essas tradições, conclui ele, o declínio econômico será inevitável.

Os dois economistas oferecem livros inteiros de evidências para suas análises. Como isso é possível? Uma explicação pode ser que na economia política altamente complexa da China, muitos dos fatores que podem ser considerados incompatíveis com a inovação são compensados ou complementados por políticas e estruturas que permitem a inovação.

Tem sido frequentemente argumentado que a gestão econômica de cima para baixo da China - incluindo a ampla implementação da política industrial estatal e a perpetuação de grandes empresas estatais em setores-chave - é fundamentalmente incompatível com o dinamismo e a inovação. Os críticos afirmam que o controle excessivo do governo central pode levar a ineficiências econômicas, má alocação de capital e distorções financeiras.

Mas mesmo quando o governo central da China emite políticas e documentos estratégicos unificadores, ele também concede aos governos locais amplo espaço para encorajar a inovação no setor privado, sobretudo através do estabelecimento de um quase perfeito ambiente pró-negócios. Embora o grau de autonomia desfrutado pelos governos locais não seja estático, políticas elaboradas para a economia local são amplamente incentivadas.

O país é vasto, com governança altamente complexa, que parece ao mesmo tempo centralizada e descentralizada, rígida e flexível. O controle de cima para baixo coexiste com, e até mesmo permite, a autonomia a nível local e a inovação de baixo para cima

Além disso, os líderes chineses entendem que, longe de prejudicar a competição, os subsídios podem fomentá-la. Para que algumas empresas de tecnologia impulsionem o desenvolvimento de uma indústria emergente, enormes barreiras de entrada precisam ser superadas. Na maioria dos países ocidentais, o apoio dos mercados de capitais e financeiros desenvolvidos torna isso possível, mas mesmo assim, as empresas precisam de tempo suficiente para alcançar escala e competitividade. Como isso implica em custos fixos elevados, os subsídios iniciais são muito valiosos - e até mesmo essenciais.

Na China, muitos governos locais estão dispostos e são capazes de dividir esses custos fixos, não só fornecendo subsídios, como também estabelecendo fundos de investimentos para indústrias emergentes. Isso facilita a entrada de mais empresas no mercado, levando ao desenvolvimento de uma maior capacidade de produção.

Essa capacidade está distribuída por vários locais, com companhias operando em mercados individuais altamente competitivos, em vez de em um único mercado. Como resultado, o surgimento de uma parcela de mercado dominada por umas poucas grandes corporações - como se vê nos Estados Unidos, por exemplo - é improvável na economia industrial da China. Neste sentido, a segmentação econômica da China - que os críticos frequentemente citam como uma fraqueza - é uma fonte de força.

O ecossistema industrial abrangente da China significa que as empresas obtêm uma vantagem competitiva a partir das externalidades de rede e das economias de escala. Isso ajuda a explicar a ascensão acelerada dos setores de baterias de lítio e veículos elétricos da China - uma conquista que os críticos atribuem aos subsídios industriais do governo e os defensores atribuem a um ambiente de mercado interno competitivo.

Para os críticos da China, a burocracia excessiva, as companhias estatais dominantes, um setor financeiro subdesenvolvido e mercados fragmentados militam contra o surgimento de uma economia altamente dinâmica e competitiva. No entanto, como qualquer observador de longa data da China poderá dizer, a realidade não é tão simples.

A China é um país vasto, com uma longa história de Estado único, tradições culturais profundas e uma estrutura de governança altamente complexa, que parece ao mesmo tempo centralizada e descentralizada, rígida e flexível. O controle de cima para baixo coexiste com - e até mesmo permite - a autonomia a nível local e a inovação de baixo para cima. É esse fenômeno de “dupla hélice” que leva a análises radicalmente contrastantes das perspectivas da economia. **(Tradução de Mário Zamarian)**

**Zhang Jun, reitor da Escola de Economia da Universidade Fudan, é diretor do Centro de Estudos Econômicos da China, um think tank com sede em Xangai. Copyright: Project Syndicate, 2024.**

[www.project-syndicate.org](http://www.project-syndicate.org)